



## **Nelly Sachs: uma poetisa da dor e do amor pelo pertencimento**

Nelly Sachs: A poet of Pain and the Love of Belonging

**Dionísio Moreno Ferres\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) | São Paulo, Brasil

dionisiomoreno.edupos@gmail.com

**Resumo:** Este artigo retrata algumas aproximações possíveis sobre dores e amores causados pelo senso de pertencimento de suas mulheres judias que pertenceram à geração que atravessou o holocausto e que sofreram em suas vidas os estigmas deixados pelas circunstâncias de desenraizamento cultural, sem, contudo, ter passado pelos campos de concentração, o que comprova que a irradiação devastadora e traumática do nazismo, ultrapassou os limites perceptíveis do senso comum, alcançando toda uma geração de judeus, mesmo aqueles que conseguiram escapar com vida do holocausto.

**Palavras-chave:** Holocausto. Pertencimento. Geração.

**Abstract:** This article portrays some possible approaches to pain and love caused by the sense of belonging of Jewish women who belonged to the generation that went through the Holocaust and who suffered in their lives the stigmas left by circumstances of cultural uprooting, without, however, having gone through concentration camps, which proves that the devastating and traumatic irradiation of Nazism went beyond the perceptible limits of common sense, reaching an entire generation of Jews, even those who managed to escape the Holocaust alive.

**Keywords:** Holocaust. Belonging. Generation.

### **1 Nuances do pertencimento**

É possível amor e dor pelo pertencimento? Esta pergunta pode ter várias respostas e ao mesmo tempo não ter resposta alguma. Porém, a partir de escritos e memórias, de pessoas, que de alguma forma viveram ou conviveram com os horrores do holocausto, nos dispusemos, a pedir as devidas licenças, para, com ousadia, respeito e admiração, afirmar que esses sentimentos existiram e foram registrados nos escritos e nas memórias de toda uma geração que, de alguma forma, se aproximou dos campos de concentração, independentemente de ter entrado neles ou não. Bastava a proximidade com as histórias, com os relatos, com as especulações, com as dúvidas e com os medos, até mesmo, dos medos de quem tinha medo, para sentir a irradiação mortal dos campos que deixaram marcas profundas e, muitas vezes, incuráveis em muitas mulheres. É o que nos relataram as memórias dos que viveram sob a

---

\* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



irradiação do holocausto sejam essas memórias registradas em escritas ou silenciadas pelo tempo. Memórias essas que foram gravadas entre o amor e a dor. Porque diante delas, o vazio continuou apresentando seu vaco, os silêncios, os seus ecos, e os livros, suas perdas. Aliás, após a longa travessia da Segunda Guerra Mundial, tudo passou a ter outro significado para quem viveu esse momento terrível. Para aqueles que “viveram” e insistimos em dizer que “viveram” e não simplesmente que “sobreviveram”, visto que não seria adequado imputar-lhes um vocábulo impreciso da superação de todas as vivências após o holocausto, já que a palavra “sobreviver”, não deve ser entendida como uma minimização dos feitos dessas pessoas, que foram mais fortes que tudo, foram heróis no anonimato que precisaram encontrar nas profundezas do que lhes restou um chamado de volta para a vida. Aliás a autora Nelly Sachs e a tia Dora, das quais me refiro, neste trabalho, foram poetisas do pertencimento, Nelly preferiu em um dos seus poemas a denominação da salvação, sendo essa uma importante medida para dizer que salvamos o nosso povo, e para a tia Dora, o suspiro de que a vida às vezes nos causa surpresas, mas que devemos continuar a nossa caminhada, sempre vivos de geração em geração, pois existe sempre um novo começo para se começar de novo.

## 2 Por que Nelly Sachs?

Procurei neste trabalho analisar a obra poética de Nelly Sachs conectada com algumas lembranças de minha primeira infância, as quais tive o privilégio de guardar na memória sobre minhas vivências com uma senhora chamada Dora que para mim, era carinhosamente chamada de tia Dora. Uma mulher sem a qual eu não saberia dizer quem sou. De origem polonesa, veio para o Brasil, com sua família, fugindo dos horrores do nazismo. Em poucos meses, sofreria um novo desenraizamento, que pela segunda vez romperia com sua tradição, ocasionando-lhe novas perdas. Seu pai e sua mãe em poucos meses no Brasil seriam vítimas da febre tifoide, contraída nas lavouras no Estado do Paraná. Fato que levaria ela e seus dois irmãos a adoção, porém, por casais diversos, separando-os um dos outros, adotados por famílias que não pertenciam aos mesmos laços de pertencimento cultural, com costumes bem diferentes do contexto do judaísmo do leste europeu, da qual eram originários, impondo-lhes um novo exílio. Tive a felicidade de conviver com a tia Dora e também a oportunidade de conhecer a poesia de Nelly Sachs e não foi uma tarefa árdua encontrar nessas duas mulheres distanciadas no espaço, mas muito próximas no tempo, conexões profundas de amor e de dor pelo pertencimento.

## 3 Os registros de pertencimentos vividos

Com formas muito diferentes uma da outra e podemos dizer até mesmo opostas, as duas mulheres sobreviventes, cada qual ao seu modo, pois enquanto uma escreveu sobre seu pertencimento em metáforas a outra silenciou-se diante de suas cicatrizes interiores, da falta de pertencimento e do desenraizamento da qual foram submetidas no exílio, porém ambas eram capazes de transmitir todo o amor e toda a



dor das experiências sentidas, vividas e passadas como exemplos de superação, preocupadas não com suas vidas, mas com as futuras gerações, para que situações como aquelas jamais se repetissem.

Seus semblantes transpareciam um mistério incomum. O semblante de Nelly Sachs, por exemplo, foi documentado por aqueles que com ela conviveram, inclusive visivelmente detectável como apontado durante homenagem feita em decorrência do recebimento do Prêmio Nobel. Já no caso da tia Dora, ficaram restritos às minhas memórias de quando eu era criança. Foram mulheres especiais que viveram momentos traumáticos e que deixaram seu legado, que é preciso lembrar, relembrar, memorizar e eternizar como exemplos para as presentes e futuras gerações. Foi essa a nossa proposta ao aproximá-las nesse trabalho que agora apresentamos. Aproveitamos, portanto, para fazer uma análise detalhada das metáforas, dos versos escritos por Nelly Sachs, denominados Coros depois da meia noite, nome sugestivo sob várias perspectivas, principalmente dentro do contexto da tradição mística judaica.

Não se trata de uma tentativa de dividir os clamores ou os coros dentro da ruptura do tempo em antes e depois do holocausto, mas de enfatizar a continuidade do tempo, registrado pela força dessas mulheres que sempre tinham em vista a chegada do novo *Shabbat*, do novo *Rosh Hashana* e finalmente do *Yom Kippur*, pois elas tinham a clareza de que o tempo mais importante, era constituído no compasso descrito pelo sábio Maimônides, em que não é o tempo que antecedeu, mas o tempo que virá que devemos saldar, por isso celebramos primeiro a chegada de *Rosh Hashana* para depois corrigir (*Tikun Olam*) na viagem de retorno (*Teshuvá*) daquilo que deveremos superar com o *Yom Kippur*. Porque o tempo é sempre único. São as horas do tempo das nossas vidas que devemos reavaliar, pois como sabemos o tempo ritualístico judaico é marcado pelo pôr do sol quando se inicia a noite, no apontar do brilho da primeira estrela, porque assim está escrito “primeiro o entardecer e depois o amanhecer”.<sup>1</sup> Portanto “coro depois da meia noite” de Nelly Sachs é uma súplica que se entoa após termos percorrido mais da metade da noite, sem esquecer que ainda temos a outra metade para percorrer e enfrentar. Talvez essa seja a metáfora daqueles que se salvaram, como disse Nelly, porque passaram pela metade da noite e agora terão pela frente a outra metade para depois poder ver o clarear do dia.

Assim também foram os meus dias com a tia Dora, num entardecer cheio de coisas novas e aprendizados que nas noites, antes de dormir, eu meditava olhando as estrelas, sabendo que no clarear do novo dia eu estaria mais preparado para enfrentar as novas aventuras típicas da idade.

## 4 O estilo Nelly Sachs

---

<sup>1</sup> *Bereshit*1, 5.



Ao analisarmos a trajetória de Nelly Sachs, pela própria dinâmica de sua vida, ou seja, uma jovem do início do século XX, o século que marcaria para sempre a história judaica, ela não parecia ser muito diferente das demais jovens de seu tempo a não ser pela paixão pela poesia. O realismo parecia um caminho possível, diante dos conflitos da humanidade e as ciências despontavam desde o final do século XIX como uma promessa para um mundo melhor. Na literatura, a Alemanha, ainda vivia os encantamentos do idealismo alemão que contagiou toda a cultura germânica.

A escritora e poetisa Nelly Sachs, nasceu na Alemanha, na capital Berlim, em 1891. Os temas judaicos não fizeram parte de sua obra nos seus primeiros anos como escritora. Sua inclinação poética não trazia elementos de sua origem e tradição familiar. Embora intensa em suas descobertas literárias, não se contentava por apenas ler autores famosos, desejava se aproximar deles. Foi o que decidiu fazer quando iniciou as correspondências com a escritora sueca Selma Lagerlöf, laureada com o Prêmio Nobel de Literatura em 1909, sendo a primeira mulher a receber essa honraria.

A sua obra foi essencialmente uma tradução e transmissão dos momentos difíceis do povo judeu em meio ao nazismo e aos impactos das irradiações mortais dos campos de concentrações, trabalhos forçados e extermínios. Sua escrita era de alguém que poderia ser considerada como “salva”, mas vai se revelando em palavras e versos sentimentos bem contrários ao que entendemos por salvação, pois seu sentimento de pertencer a um povo que estava sendo sacrificado em circunstâncias terríveis, que muitas vezes nos faltam palavras de descrição, exige um trabalho de engenharia emocional e linguística para traduzir e transmitir o amor e a dor de pertencimento, mesmo quando as palavras não eram suficientes para relatar a realidade. Sendo esse um dos motivos da autora fazer uso de metáforas, que será uma característica marcante em suas obras. Disse ela em certa ocasião: “as metáforas são as minhas feridas.”<sup>2</sup>

Sua obra foi escrita em alemão, sua língua materna, da qual nunca abandonou, porém não sem uma carga a mais de sofrimento interior que segundo nos contou Elie Weisel, relatando uma de suas conversas com Nelly sobre essa questão nos conta “Nelly passou a desconfiar de sua língua materna referindo se ao alemão, disse-me isso várias vezes”.<sup>3</sup> Para Weisel o que aconteceu foi que ao refugiar se na Suécia, ela tomou consciência do fato de que as palavras alemãs haviam sido deformadas, profanadas, desviadas e de que já não poderia fazer uso delas.<sup>4</sup>

Foi um exercício incessante na busca por palavras e expressões que pudessem traduzir a dor e o sofrimento do seu povo e que de certa forma precisava ser

---

<sup>2</sup> BARLOEWEN; WEISEL, 2010, p. 451.

<sup>3</sup> WEISEL, 2010, p. 451.

<sup>4</sup> WEISEL, 2010, p. 451.



transmitido de forma sagrada e muitas vezes as palavras não ofereciam essa intensidade semântica. O próprio Elie Wiesel, comenta essa dificuldade e impotência das palavras explicando que: “às vezes as palavras parecem-me extremamente pobres, fracas e insignificantes” e completa dizendo que Nelly buscou a cada momento superar a impotência das palavras”.<sup>5</sup>

Dentro dessa perspectiva Nelly Sachs, já no exílio, retoma sua obra poética, após ter consciência do que estava acontecendo com seu povo, fazendo uso dos termos e das palavras em figuras de linguagens como quem busca uma sinestesia linguística nas escolhas. Ela inaugura esse recomeço com os poemas denominados “Coros depois da meia-noite”, que tem como primeiro momento de destaque a frase: “coro dos que se salvaram”, como que induzindo aos leitores que essas são as palavras apenas dos que se salvaram, implicando na inexistência de muitos outros coros que não puderam ser escritos porque seus poetas não se salvaram. Embora seja esse o argumento principal, Nelly passará também a falar, em nome de todas as vítimas, revelando a unidade do pertencimento sem limites.

Existe uma implicação profunda e extrema quanto ao próprio holocausto, quando se afirma que alguém se salvou. Salvou-se do que? Para que? E por quê? Não são poucos os relatos de sofrimentos contínuos e permanentes que continuaram acompanhando as gerações do holocausto. O mundo não estava tão informatizado e, portanto, não estávamos tão informados da intensidade dos horrores e porque também não dizer da intensidade dos desesperos que essas gerações foram obrigadas a conviver. O amor e a dor estavam nos campos de concentração, mas também fora deles. Estavam no que podemos denominar de circunstâncias limites da qual Elie Wiesel descreve quando narra o desespero que Mochê Bedel, que após conseguir escapar milagrosamente de ser morto pela Gestapo, retorna ao seu vilarejo e percorre casa por casa, na tentativa de alertar sobre a os horrores que presenciou, das situações limites que havia visto por onde havia sido levado. Ele estava andando de porta em porta, implorando e suplicando porque tinha a dor e o amor do pertencimento de seu povo. Esse mesmo sentimento que também o fez fechar os olhos e silenciar, quando percebeu que sua súplica não era acreditada pelo seu povo. Escreve Elie Weisel: “Fechou os olhos, como que para escapar ao tempo”.<sup>6</sup> A dor e o amor pelo pertencimento da geração que vivenciou o Holocausto foi tão intensa e tão extensa que ultrapassou as gerações, mas que agora, pela morte dos últimos representantes dessa heroica geração, incorre-se novamente em perigos e sem porta vozes.

Não é uma missão simples escrever sobre vivências de amor e dor de outras pessoas, porque a nós carece a legitimidade e os sentimentos reais e as superações que serão

---

<sup>5</sup> WEISEL, 2010, p. 451.

<sup>6</sup> WEISEL, 2002, p. 19.



sempre somente delas, porém podemos interpretá-los como lições que nos ensinam e nos transmitem a importância do pertencimento como também nos revelam o nefasto das exclusões e das discriminações. Talvez esse mistério de pertencimento possa estar na arte. Talvez Nelly Sachs já sabia disso e a tia Dora também.

## 5 Novos tempos novos desafios

A dor e o amor pelo pertencimento, pode ser objeto de estudos para a psiquiatria, psicologia e para a psicanálise, principalmente para aqueles que lidam com situações traumáticas, porém mesmo não estando muito próximas do contexto do holocausto, nenhum profissional dessas áreas tem a legitimidade de afirmar que o pertencimento não fez vítimas mesmo fora dos campos de concentração. Existem relatos de muitas pessoas que demonstraram esses sentimentos, mesmo que não tenham sido levados aos campos. Os vestígios deixados pelas escritas e pelas memórias da geração do holocausto que se aproximou nos últimos anos das últimas testemunhas vivas, tem um desafio dentre muitos outros, impostos pelos atuais tempos de negacionismos, que cometem um novo antissemitismo contra a memória da geração passada em pertencimento de amor e de dor pelo seu povo.

Toda geração, que passou pelos campos de concentração, souberam o que é a dor e o amor pelo pertencimento. Apenas para ampliar um pouco os nossos testemunhos temos bons motivos para uma análise a partir dos textos deixados por Primo Levy sobre realidades absurdas, assim como Reuven Feuerstein que insistiu que é possível desenvolver capacidades infinitas de superação, como Viktor Frankl que nos advertiu ao escrever o relato: Um psicólogo no campo de concentração, quando falou dos milhões de desconhecidos que morreram e ficaram apenas escritos nas memórias de seus parentes e amigos ele diz “não vamos, portanto, tratar do sofrimento e da morte dos grandes heróis e mártires, mas dos pequenos sacrifícios, e da <pequena> morte da grande massa”.<sup>7</sup> Não é o desejo de reduzir a importância dos grandes heróis e mártires, muito ao contrário, eles continuam como exemplos em nossas memórias, de tempos que queremos esquecer mas não podemos, sob pena de colocar a tragédia no esquecimento coletivo.

É sobre esses escombros e memórias históricas do holocausto que podemos encontrar as verdadeiras superações e as verdadeiras mensagens de amor que dão sentido a nossas vidas.

## 6 Os diálogos com a tia Dora

É nessa perspectiva que ao ler as poesias de Nelly Sachs, descobri uma semelhança entre o que ela escreveu e o que eu via no olhar de tia Dora. Eram leituras de mundo que se assemelhavam. A tia Dora, com seu olhar marcante e repleto de silêncio e Nelly Sachs pelas metáforas marcadas e repletas de sofrimento. Foi quando eu

---

<sup>7</sup> FRANKL, 1985, p. 9.



entendi que havia dor e amor de pertencimento em duas mulheres tão distantes e tão próximas que ao mesmo tempo, que foram marcadas pelo nazismo, mesmo escapando dele ou aliás, talvez nem seja essa a melhor descrição, foi que eu descobri o quanto o pertencimento é importante para a vida dos seres humanos e deve ser uma garantia a sua dignidade.

Meu relato começa comigo ainda menino, quando ainda era muito criança e tive a felicidade de conhecer uma senhora polonesa, que logo nos primeiros anos de minha vida me adotou como se fosse seu filho. Não tinha ideia de que aquela relação seria reconhecida por mim, um dia, como uma lição, um propósito, uma experiência e um sustento para a vida toda e, portanto, um pertencimento. Tia Dora, era como eu a chamava. Cresci chamando por ela, subindo e descendo as escadas do prédio no bairro da Aclimação em São Paulo. A história de sua vida, naquele momento da minha infância, não tinha muita importância para mim, pois eu estava repleto de sonhos de aventuras como toda criança encantada pelas descobertas. Era com ela que eu passava a maior parte do tempo. Em seu apartamento, na parede da sala, um quadro, oriundo do leste europeu, que às vezes me chama a atenção. Um senhor de barbas mais ou menos grandes, com uma roupa que transmitia um rigoroso inverso. Eu olhava para aquela imagem e tentava imaginar quem seria, depois desistia. Lembro-me uma vez que cheguei a perguntar quem ele era, mas não consigo lembrar-me da resposta. Era o único quadro, da única sala, com uma única imagem.

Talvez esse sentimento de “único” esconda uma mensagem que não pode ser esquecida. A mensagem do *Adonai Ehad* que estava presente naquela pintura que não se revelava a não ser para quem pudesse entender a revelação. O retrato deveria guardar uma lembrança única que não poderia ser esquecida, talvez eu tivesse tido mais tempo, talvez pudesse ter perguntado algo que ela pudesse ter me respondido, eu saberia um pouco mais sobre aquela imagem única que poderia carregar sobre sua imagem um doloroso ou um amoroso pertencimento que o Shoah, rompeu em corpo, mas nunca rompeu em lembrança e em pertencimento.

Tudo sem muito sentido naqueles primeiros anos de vida, mas tudo com muito sentido, após anos de vida, vividos em meio às lembranças. A Tia Dora, era uma mulher que veio ao Brasil, juntamente com seus pais e uma irmã nascida na Ucrânia, quando ainda criança, fugindo do regime nazista. Seu sorriso e sua voz, não apresentavam marcas desse período, porque ela parecia reunir todas as forças para esquecê-lo, mas quando algo aparecia perante ela, que reportasse ao nazismo, como uma reportagem na TV ou uma fotografia na capa de uma revista numa banca de jornais, era o encontro mais profundo e angustiante do qual eu podia perceber, mas não compreendia. Até hoje não sei o que mais transparecia naqueles olhares. Se eram as memórias das dores pelos fatos que ocorreram ou se era pelo amor das lembranças de seus entes queridos que se ausentaram para sempre, independentemente de uma ou outra o pertencimento estava em seu olhar. Um semblante transformador que eu



em minha inocência dos primeiros anos de vida não era capaz de interpretar. Falar de nazismo, para uma criança, seria demasiado sombrio, pois enquanto parte da humanidade se esforçava para esquecer, uma outra parte afirmava que era preciso lembrar, talvez, justamente para não esquecer.

Trago essa memória de infância como um apelo, uma lembrança ou como algo mais íntimo ainda um doce e carinhoso pedido de desculpas, por não ter descoberto em tempo o que lhe causava a mudança do semblante. Se isso tivesse acontecido, penso eu, poderia ao menos ter compartilhado e vivido com ela essa experiência e ao menos dizer que isso não vai mais acontecer ou quem sabe ficar somente em silêncio ao lado dela, lembrando o célebre conselho:

Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aquestrarão; mas um só, como se aquestrará? E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa.<sup>8</sup>

A Tia Dora, nos deixou há mais de uma década, mas seu semblante ainda permanece escrito na minha memória. Relembrei-me nesse pequeno texto essa experiência pessoal, porque ao ler a escritora Nelly Sachs, que também deixou sua terra em busca de refúgio, me trouxe na memória essas imagens escritas por um dos semblantes mais belos que já conheci e não seriam essas vidas carregadas de algo em comum e que aos poucos vai se tornando algo incomum, com o passar das gerações e gerações. O esquecimento da dor e do amor pelo pertencimento.

## 7 Os diálogos com a obra poética de Nelly Sachs

Esse pertencimento transformou Nelly em uma porta-voz dos que se salvaram ao menos corporalmente, já que espiritualmente os dados históricos nos apresentam informações de vidas despedaçadas e traumatizadas para sempre. A crença em uma espécie de repetição denominada “*Ledor Vador*” nos informa que devemos preferir a vida do que a morte. Assim as futuras gerações saberão que independente do que passaram as gerações anteriores, eles escolheram diante das provações, quando puderam, decidir, escolheram a vida para transmiti-la, porém sem que isso retira-se a memórias daquelas noites de outrora em que não havia uma estrela no céu que anunciasse o *Cabalat Shabbat*. Para Joseph Bernfeld, ao escrever uma breve introdução sobre a vida e obra de Nelly Sachs para a Coleção da Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura, patrocinada pela Academia Sueca e pela Fundação Nobel, registrou o semblante de Nelly, quando ao entrar no salão para receber o prêmio “na verdade, que parecia pertencer a um outro mundo, não trazia somente as marcas da idade e

---

<sup>8</sup> Qohelet, 4, 9-12.



das preocupações pessoais, mas também os traços do medo e dos sofrimentos de todo um povo, de um povo, de um povo exterminado, assinado”.<sup>9</sup>

A obra poética de Nelly Sachs é uma composição repleta de figuras de linguagens, dentre elas a mais utilizada é a metáfora. A autora constrói seu sistema partindo de suas experiências pessoais das mais originais e significativas, pois pelo que sabemos ela nessa época passou a leituras de obras judaicas até então desconectadas de seu interesse.

Parece que a fuga para a Suécia, além de aproximá-la de sua cultura ancestral, despertou-lhe uma identidade até então pouco vivida pela autora. Mas porque Nelly Sachs é tão essencial e sua obra tão necessária para o nosso tempo? Justamente pela dor e pelo amor com que foi capaz de escrever os sentimentos advindos das notícias de perdas que chegavam todos os dias para muitos dos judeus que estavam espalhados em refúgios, inclusive ela mesma foi atravessada com a notícia de que seu melhor amigo provavelmente no inverno de 1943, morreu em decorrência das Câmaras de Gás, na Polônia.

## 8 Análise contextual e textual do conjunto de poemas intitulados “Coros depois da meia noite”

Em uma análise dos poemas que compõe os “Coros depois da meia noite” encontramos uma coerência temporal e intencional dentro de uma sequência criadora que pode nos provocar arrepios pelo uso tétrico das metáforas.

### 8.1 “Coros dos que se salvaram”

Nos versos sobre o “coro dos que se salvaram” notamos a intenção e o sobressalto de um reconhecimento, ainda que, em estado de luto, que nos força a caminhar, como aquela liberdade alcançada com a saída do Egito. As escolhas das figuras de linguagem são sutis. A autora apresenta uma condição interessante, a dos movimentos, da necessidade de continuar o caminho. Poderíamos buscar consolo nas lembranças do momento em que no passado foi entoado o canto *Mi kamocha Ba’elim Adonai*, pois afinal a libertação chegou até o povo de Israel, novamente, porém seus corpos mutilados, ainda buscavam as forças

Nós que nós salvamos,  
De cujos ossos ocios a Morte já cortava as suas flautas,  
Em cujos tendões a Morte já passou o seu arco –  
Os nossos corpos ainda gemem –  
Com sua música mutilada,  
Nós que nos salvamos,

---

<sup>9</sup> BERNFELD, 1973, p. 27.



Ainda pedem os braços torcidos para os nossos pescoços

Em frente de nós no ar azul –

As ampulhetas ainda se enchem com o nosso sangue gotejante

Parecia tudo igual, porém diferente. Na saída do Egito, o povo caminhava rumo a Terra Prometida, portanto uma esperança de um lugar, um espaço, um lar, revigoravam os ossos, os tendões e estancava o sangue curando as feridas, pela esperança de *Eretz Israel*, a Terra que emana leite e mel, porém, agora a situação era também de saída, mas não de chegada. Não havia uma promessa, um lugar, um lar, apenas caminho sem chegada, seria preciso esperar para que a promessa de uma nova Terra, estivesse pronta para ser declarada pela Organização das Nações Unidas. Nesse momento de impasse Nelly Sachs nos apresenta de forma magistral: Em frente de nós no ar azul, ou seja, o hálito da vida, num horizonte límpido, claro e azul de um futuro de muitas possibilidades, porém submisso ao tempo, senhor das realizações, e que Nelly Sachs apresenta na metáfora da ampulheta e do sangue gotejante: “*As ampulhetas ainda se enchem com o nosso sangue gotejante*” a autora ao pensar na penosa espera dos que padeciam nos campos de concentração, embora salvos, não deixavam de ter seu sangue gotejando dentro do tempo da incerteza e da espera e termina a sequência de versos que indicam aquele consentimento judaico de que no fundo sabemos quem nos olha, porém não somos fáceis de romper com os laços que nos tecem em teias. “*Aguentar ainda inteira a nossa teia*” nos provoca a lembrar de um só povo e nos laços de pertencimento que não nos permite deixar se pensar em romper os laços do pertencimento. Com isso a autora termina pedindo compreensão pelo momento limite em que estão os corpos e as mentes dos que se salvaram, dizendo: “*Nos aguenta convosco*”.

## 8.2 Coro das vagantes

Ao entrarmos nas leituras dos versos do “*Coro das Vagantes*” a autora utiliza uma metáfora das mais interessantes e que tem íntima conexão com a condição do povo judeu, principalmente até aquele período a questão das línguas. Nelly Sachs utiliza a metáfora “*da panela da língua*”, que invoca o longo percurso do povo judeu na diáspora, pelo mundo. As vagantes, não poderiam viver sem fazer uso de diversas línguas, para que pudessem sobreviver, como seus antepassados também tiveram que aprender a língua do local da qual estavam estabelecidos. Muitas vezes essa condição de assimilação implicava em muitas perdas, como por exemplo a perda do hebraico como língua corrente e ritualística, ensejando em um empobrecimento de sua tradição cultural e antropológica milenar.

Nós vagantes,

Os nossos caminhos arrastamo-los como bagagem atrás de nós

–

Como um farrapo da terra onde descansamos



Estamos nós vestidos –  
Da panela da língua, que aprendemos entre lágrimas,  
Nos sustentamos.

A condição de vagantes é reforçada mesmo após a libertação dos campos como uma condição do povo do qual ainda não se enraizou novamente. A metáfora da encruzilhada é traduzida como uma condição inerente ao povo judeu que sem mantém em condição de estrangeiro perante a história. Como que sempre esperasse por uma porta e que nunca pode estar na outra condição, ou seja, daquele que abre a porta. Sendo, portanto, uma condição ingrata e solitária à mercê dos donos da casa, do chão, da terra.

Verificamos aqui uma possibilidade de retorno às fontes hebraicas, como que conduzidos novamente por Moisés que falava trazendo na memória as experiências do pertencimento, registrando para as futuras gerações o que terão de enfrentar diante de inúmeras portas que se encontram fechadas.

Nós vagantes,  
A cada encruzilhada nos espera uma porta  
Atrás da qual a corça, o Israel-de-olhos-órfãos dos animais,  
Desaparece para as suas florestas rumorosas  
E a cotovia rejubila sobre campos dourados.  
Um mar de solidão fica parado conosco  
Onde quer que batamos.

### 8.3 Coro dos órfãos

A metáfora das figuras de linguagens utilizadas para descrever o rompimento e a interrupção das vidas de pais, mães, avós, filhos e netos é objeto de seu lamento apresentado no “coro dos órfãos”. As histórias de vidas que tiveram seus laços afetivos cortados e cantados no lamento dos órfãos. Sendo mais significativo a morte dos pais que aumentam a sensação de solidão para os que ficaram desamparados, restando-lhes apenas as metáforas como remédio em meio aos sentimentos de perda. A perda do pertencimento aparece claramente quando se lê na frase final “*Nós órfãos não somos parecidos com ninguém mais no mundo*”. A experiência da ausência de um chão e de uma Terra, agora é sobrecarregada pela árvore que foi desenraizada e transformada em lenha seca nas mãos do lenhador, que não tem outro objetivo quando o machado está sob suas mãos, que não seja o corte.

Nós órfãos queixamo-nos ao mundo:  
Mundo porque nos tiraste as nossas mães ternas  
E os pais que dizem: Meu filho és parecido comigo!  
Nós órfãos não somos parecidos com ninguém mais no mundo!



#### 8.4 Coro das sombras

As sombras nesses versos são equiparadas aos corpos quando Nelly Sachs utiliza o pronome “nós” indicando que se trata mais de corpos que fazem sombras, mas apenas sombras que não tem mais corpos. As sombras são apenas sombras e não conseguem caminhar por si mesmas, sempre dependentes do movimento dos corpos.

A imagem semiótica das “sombras dos algozes” nos remete a inércia, dos corpos carregados pelos soldados nazistas, sendo conduzidos para as chamas no intuito de serem transformados em pó. O pó dos vossos crimes seria, portanto, o corpo carregado para o aniquilamento agarrados aos corpos dos algozes, juntamente com outros corpos transformados em pó, que seria então o resultado dos crimes cometidos contra as vítimas.

Nós sombras, oh, nós sombras!  
Sombras de algozes  
Agarradas ao pó dos vossos crimes –  
Sombras de vítimas

#### 8.5 Coros das pedras

No caso do Coro das Pedras. As pedras como metáfora, já havia sido utilizada por Nelly Sachs no Coro dos Órfãos quando ela cria uma alusão, referindo-se a pedra a sua dureza, mesmo que isso signifique não ser algo vivo, pois assim, não teriam sido queimadas como são os demais elementos da natureza como a fauna e a flora. As pedras, portanto, poderiam ser os pais e as mães, porque assim seriam resistentes contra as atrocidades do mundo e, portanto, não teríamos tantos “órfãos jazendo nos campos da solidão”, cujos pais e mães foram mortos nos campos de extermínios: “Pedras têm caras, caras de pai e de mãe, não murcham como flores, não mordem como bichos – não ardem como lenha seca quando as metem no forno”. Já no Coro das Pedras ela introduz uma nova metáfora, a metáfora do peso, da durabilidade e do estado de quem perdura por muitos anos sem dissolver-se nas lágrimas e no sangue.

Nós pedras  
Quando alguém nos ergue  
Ergue tempos primevos –  
Quando alguém nos ergue  
Ergue o Jardim do Éden  
E também:  
Quando alguém nos ergue  
Ergue bilhões de lembranças na mão  
Que não se dissolvem no sangue



Em outros versos ela invoca as pedras como signos e sinais de simbolismos profundos para o judaísmo. No primeiro deles ela fala das pedras que estão em monumentos mortuários, ou seja, ao afirmar que “somos” ela não divide mortos e vivos, mas ao contrário ela deixa espaço para a interpretação sistemática dos versos em que a vida e a morte se misturam em uma unidade.

Pois nós somos monumentos mortuários  
Que abrangem todo o morrer.

Outros indicativos interessantes aparecem nos versos no “Coro das Pedras” como a referência a pedra da qual ficou Jacob deitou sua cabeça e teve a visão da escada que subia aos céus, na mesma noite que entrou em duelo com o anjo. E também ao sugerir que:

Quando alguém nos toca  
Toca um muro de lamentações.

É provável que Nelly Sachs, buscou uma conexão com o muro do Templo, centro da vida religiosa judaica e ponto central sobre muitas questões da vida judaica e, portanto, nada mais profundo, sincero e honrado, essa conexão profunda de pertencimento que irradia a partir de Jerusalém.

### **8.6 Coro das estrelas**

No Coro das estrelas, Nelly Sachs, faz referências a Terra que se fez cega diante do holocausto. As estrelas que nos mantivemos luzentes perante uma Terra que permaneceu cega, ela que foi a escolhida para formar do pó os anjos. A mesma Terra que “do pó começou sua obra: formar anjos” assistiram sem reprimendas às mãos dos assassinos de Israel.

Terra, Terra, fizeste-te cega  
Ante os olhos de irmãs das Plêiades  
Ou do olhar perscrutador da Balança?  
Mãos assassinas deram a Israel um espelho  
Para nele poder ver ao morrer o seu morrer  
Terra, ó Terra  
Estrela de todas as Estrelas  
Um dia há de haver uma constelação chamada Espelho.  
Então, ó Cega tornarás tu a ver!

### **8.7 Coro das coisas invisíveis**

Seguindo o itinerário dos versos passamos para o “Coro das coisas invisíveis” em que a autora fala de um “Noite muro das lamentações” que enterrados em ti estão os Salmos do silêncio, encenando uma contradição difícil de se explicar, entre os cantos



dos salmos, *Tehiláh* e o silêncio das palavras daqueles que não podem mais entoar seus cantos.

Noite muro das lamentações!  
Enterrados em ti estão os Salmos do Silêncio.

### **8.8 Coro das nuvens**

Na perspectiva dos próximos versos temos uma das passagens poéticas de Nelly Sachs que transmite sua genialidade e criatividade em Coro das nuvens principalmente quando faz uso da imagem da evaporação e da formação das nuvens. Canta seu verso, que em nossa opinião é um dos mais criativos e revela sua sensibilidade poética de forma original e comovente:

Não estamos (Nuvens) longe de vós.  
Quem sabe quanto do vosso sangue subiu  
E nos tingiu?  
Quem sabe quantas lágrimas vós através do nosso pranto  
Vertestes? Quanta saudade nos formou!

### **8.9 Coro das árvores**

No Coro das árvores, as figuras impressas nas metáforas, trazem os simbolismos dos ramos, prados com rosas, do tronco e das aves que se cercam em seu abrigo. Porém notamos que ela faz referências à língua e às letras. Podemos aqui buscar uma conexão com a própria *Torá* que escrita sobre rolos de pergaminhos, mantém o sustento de muitas culturas pelos conhecimentos antigos guardados em seus cinco livros. Pode ser que Nelly, aprofundando seus conhecimentos na tradição judaica, descobriu essa conexão com o livro da vida.

A nossa língua é mistura de fontes e estrelas  
Como a vossa

### **8.10 Coro dos consoladores**

Já no Coro dos consoladores, a autora apresenta sua conexão com os elementos da natureza, porém buscando seus signos mais sensíveis como rosas, ervas e perfumes. Trata-se do penúltimo “coro” que antecede o último, o “coro dos que ainda não nasceram” O poema apresenta a figura de um jardineiro que ficou sem flores e das ervas da cura que não são mais plantadas. Essas imagens nos remetem a uma aridez do deserto, cuja travessia já foi vivenciada no passado pelo povo judeu.

Outro momento de extrema sensibilidade da autora se apresenta com a apresentação das flores do consolo que nasceram curtas demais e não chegam para o martírio de uma lágrima de criança. A sensação de se estar em uma estrela rica de flores e frutos, que possui árvores com muitos ramos para abrigo para as aves e que num instante se



esvai com o perfume em face aos mortos e da rapidez com que martirizam até mesmo uma lágrima de criança.

Jardineiros nós somos, que ficamos sem flores  
E estamos numa estrela radiosa  
E choramos

### 8.11 Coro dos que ainda não nasceram

Seguindo uma sequência escrita com muita sutileza, desamparo e decepção com o mundo, Nelly, nos apresenta finalmente o Coro dos que ainda não nasceram dos quais deixamos para as futuras gerações a missão de sentir no mais profundo de suas almas a voz que suplica:

Nós ainda não nascidos  
Já a saudade começa a ocupar-se de nós  
As margens do sangue alargam-se para nos receber  
Como orvalho mergulhamos no amor.  
Ainda as sombras do tempo pesam como perguntas  
Sobre o nosso mistério.

## 9. Conclusão

Falar sobre a poetisa Nelly Sachs foi antes de tudo uma visita ao passado de poucas décadas atrás que muitas vezes nos passa a sensação de um tempo longínquo. Talvez o excesso de imagens e de informações advindas após o advento da internet e das facilidades dos registros oferecidos pelos smartphones, tenham contribuído para essa impressão. As novas realidades tecnológicas e os meios digitais nos retiram do próprio humano. Escolhi para esse trabalho, os poemas de Nelly Sachs e os colóquios vividos com a tia Dora, como meios de pertencimento e pelo enfretamento ao esquecimento. Um esquecimento muitas vezes ilegal.

Os coros são vozes em vozes em união que não permitem solistas, assim como os colóquios não permitem solilóquios. Somente entre coros e colóquios o *Ledor Vador* lembrará e permanecerá nas memórias de todos, pois todos são pertencentes às mesmas dores e aos mesmos amores das quais pertenciam as lágrimas de Raquel.

## Referências

BARLOEWEN, Constantin von. *Livro dos Saberes: Diálogos com grandes intelectuais do nosso tempo*. Tradução de Will Moritz. Osasco: Novo Século Editora, 2010.

FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.



FRANKL, Viktor. *Um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Nuno Santos. Lisboa: Editorial Aster, 1985.

LEVY, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SACHS, Nelly. *Poesias*. Tradução de Paulo Quintela. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1973.

WEISEL, Elie. *A Noite*. Tradução de Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

-----

Recebido em: 29/09/2023.

Aprovado em: 12/12/2023.